



FINANCIAMENTO

Desemprego está a "criar apetência" para o microcrédito

Em 15 anos, foram criados mais de 2.500 postos de trabalho através deste tipo de financiamento



Miguel Baltazar

Luís Meneses | Presidente da ANDC defende que o microcrédito oferece "condições mais favoráveis" que outros créditos.

RAQUEL GODINHO
rgodinho@negocios.pt

Criada em 1998, a Associação Nacional de Direito ao Crédito (ANDC) já ajudou a financiar 1.700 projectos que, no total, foram responsáveis pela criação de mais de 2.500 postos de trabalho. E este número deverá aumentar, estima o presidente da associação, para quem a crise explica a crescente procura pelo microcrédito como forma de escapar ao desemprego.

São essencialmente pessoas desempregadas, com empregos precários ou actividades irregulares, ou até pessoas à procura do primeiro emprego que tentam recorrer ao microcrédito para criarem o seu próprio posto de trabalho. "Em média, os negócios arrancam com uma a duas pessoas. Tendo em conta que aprovamos 1.700 projectos, estamos a falar de cerca de 2.500 postos de trabalho gerados no início do processo", explica Luís Meneses ao **Negócios**.

Com a evolução do negócio, "algumas empresas crescem mais, outras crescem menos, e gerarão mais postos de trabalho no futuro". Este número tem tendência para aumentar nos próximos anos, antecipa. O "desemprego cria apetência por estudar esta solução para cada vez mais pessoas", remata Luís Meneses.

Desde que a associação foi criada

já foi contactada por mais de 10 mil pessoas. Destes, "são mais de 1.700 as pessoas a quem nós já conseguimos um crédito e lançaram o seu negócio, nos últimos 15 anos", acrescenta o presidente da ANDC. Uma diferença que tem uma justificação. "O empreendedorismo não é para todos. Nem toda a gente tem capacidade e características para conseguir criar o seu próprio negócio e levá-lo a bom porto. Costumo dizer que o microcrédito é para os melhores", resume Luís Meneses.

Mas, para aqueles que reúnem as condições necessárias, numa altura em que o crédito continua a ser de difícil acesso e caro, o microcrédito pode ser a melhor alternativa. "As pessoas que recorrem ao microcrédito têm condições muito favoráveis, nomeadamente por causa dos protocolos que temos com os bancos, que, em média, estabelecem 'spreads' inferiores a 5%, chegando em alguns casos a 2% ou 3%", explica Luís Meneses.

Com o microcrédito é possível ter acesso a taxas que o responsável considera "absolutamente razoáveis e inferiores a aquelas que encontrariam em condições normais de risco". Por outro lado, estes financiamentos beneficiam também de outras condições "mais favoráveis", como períodos de carência, durante os quais pagam apenas os juros.

Montepio será o próximo parceiro para o microcrédito

O Millennium bcp foi o primeiro parceiro da Associação Nacional de Direito ao Crédito (ANDC) no microcrédito em Portugal. Além deste banco, a associação tem actualmente parceiras com a Caixa Geral de Depósitos, o Banco Espírito Santo e mais recentemente com a Caixa de Crédito Agrícola do Noroeste e com a Caixa de Crédito Agrícola do Douro e Vale do Távora. "Temos também um acordo já fechado com o Montepio, mas ainda não está assinado", afirmou Luís Meneses, presidente da ANDC, ao **Negócios**. Este "será o nosso próximo parceiro na área da banca", resumiu. A parceria com as instituições é "fundamental", acredita o responsável, pois a ANDC presta aos empresários o apoio e assistência necessária ao longo de todo o processo, "mas a atribuição do crédito e o pagamento do empréstimo é feito directamente com a banca". "Temo-nos dado bem com este modelo", concluiu.

PERGUNTAS A



● **FAISEL RAHMAN**
PRESIDENTE DA EUROPEAN
MICROFINANCE NETWORK (EMN)

"É muito caro para o banca fazer pequenos créditos"

Faisel Rahman é o presidente da European Microfinance Network (EMN), uma rede composta por 83 organizações de microcrédito distribuídas por 21 países da Europa. Estas instituições são públicas, financeiras e não-financeiras. O principal foco é melhorar a "inclusão económica e social na Europa". Portugal foi um país pioneiro na oferta de soluções de microcrédito, mas agora "está atrasado".

Como é que vê a evolução do microcrédito no cenário europeu?

Há um grande movimento em toda a Europa, algo em que a União Europeia está envolvida. Em 2011, foram concedidos cerca de 400 milhões de euros em microcréditos e a taxa de juro média foi de 11%. Ou seja, falamos de empréstimos baratos e acessíveis. E as estatísticas demonstram também que, desde 2008, quando começou a crise, assistimos todos os anos a um crescimento de 10% no número de empréstimos concedidos.

Qual tem sido o impacto da crise no crescimento do microcrédito?

Com a crise os bancos reduziram o crédito e o desemprego aumentou, sobretudo entre os jovens. E as organizações de microcrédito tentaram responder a estas necessidades. Infelizmente, este aumento não se verifica em todos os países. Mas a crise deu às organizações de microcrédito oportunidades inacreditáveis de provarem que podem ser relevantes. Um dos problemas é que o microcrédito não é a solução para a crise.

Porquê?

A solução para a crise é maior e mais profunda e muito mais complicada do que o microcrédito. Tudo o que o microcrédito pode fazer é trazer capital a pessoas que não o têm. Muitas pessoas com a crise procuraram aconselhamento, apoio, capacidades, educação, treino, muitas coisas diferentes e apenas conseguiram uma pequena parte. O maior papel do microcrédito na crise é lembrar o que é preciso fazer.

Como é a realidade em Portugal?

Portugal está numa posição estranha. É um líder, no sentido em que foi um dos primeiros a avançar com o microcrédito, há

Portugal está atrasado no microcrédito porque sofre de um conjunto de outras crises como do emprego, do crédito e da educação.

cerca de 15 anos. Mas está bem atrás de muitas outras organizações e outros países em termos de escala da sua abordagem ao microcrédito. Isso não é porque não esteja comprometido, mas Portugal sofre de um conjunto de outras crises, de emprego, crédito, educação, estrutura, e o microcrédito é uma parte disto.

O microcrédito é ideal para que tipo de pessoas e negócios?

Uma das razões por que os projectos são rejeitados pelos bancos é porque quanto mais pequeno é o empréstimo mais complicado é tomar uma decisão, porque não há muita informação, não há muitos dados. E isso exige passar muito tempo com as pessoas. E os bancos não estão muito interessados em fazer isto, mas as organizações de microcrédito estão porque não têm fins lucrativos. Se o negócio é pequeno e complicado, é para isso que serve o microcrédito, para as pessoas que precisam de aconselhamento e apoio.

Mas porque é que os bancos não estão interessados?

É uma questão simples de escala. Os bancos são grandes organizações que empregam muitas pessoas e têm de ser sustentáveis a nível nacional. É muito caro fazer pequenos empréstimos. De facto, provavelmente custa quase tanto administrar um empréstimo de mil euros como um empréstimo de cem mil euros e isso não é sustentável. E se os bancos lutam por ser rentáveis, focam-se em empréstimos mais rentáveis.